

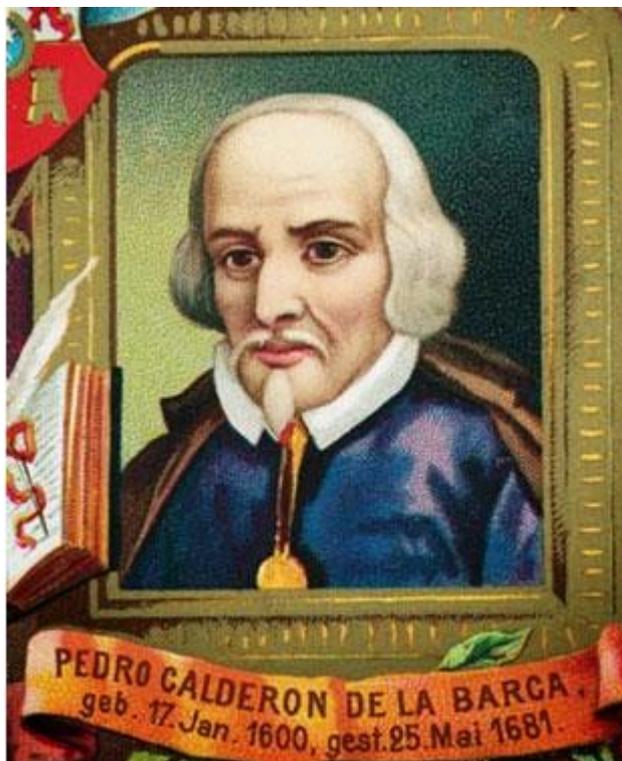


Livre arbítrio e destino: duas forças opostas em *La Vida es Sueño*, de Calderón de la Barca

Texto da discente
Catharina Klie Dupont

Resumo

O presente trabalho visa estabelecer uma análise simbólica da renomada obra de Calderón de la Barca dentro dos conceitos de livre arbítrio e destino que norteiam os personagens Segismundo e Rosaura e dentro também de uma abordagem oracular correlacionando com os arcanos maiores do tarot, mais precisamente a Roda da Fortuna e os Enamorados com foco nos elementos encontrados no barroco espanhol.



Calderón de La Barca e a página de rosto de seu livro.

Palavras chaves: destino, livre arbítrio, barroco espanhol, tarot, astrologia, siglo de oro.

Introdução

O Barroco espanhol é um movimento artístico e literário que sucedeu o Renascimento do século XVI e que, diferenciou de sobre maneira na Espanha do século XVI através da forte influência ideológica da Reforma protestante e Contra Reforma Católica. Suas associações com a religião

através da música (J.S. Bach) as igrejas jesuíticas, as pinturas de Zurbarán¹ e Velasquez refletem uma sociedade que se debatia entre o sagrado e o profano, o real e o ilusório e mostram uma das principais marcas deste movimento que é o constante estado de abandono e desolação que o homem deste século sentia perante Deus e o Divino. Também encontramos como umas das mais marcantes características a concepção de tempo. Gongora² mostra bem o valor do tempo em um par de versos nos quais faz referência direta ao tempo e a fugacidade da existência humana

*Tú eres, tiempo
El que te quedas y yo soy
El que me voy.*

A fragilidade da existência humana perante este tempo fugaz leva a ideia de que nada está definido, que tudo pode acontecer e de que se esta à mercê do Divino, ou melhor, dizendo, da Fortuna, esta imagem mitológica que de acordo com o girar de sua roda, promove a mudança dos ciclos e traz acontecimentos imprevistos.

Análise da obra dentro dessas premissas

La vida es sueño de Pedro Calderón de la Barca símbolo máximos destas reflexões e que foi escrita em 1635 é uma das obras mais importantes barrocas do Siglo de Oro caracterizada por uma multiplicidade de temas e pela oposição de ideias e sentimentos presentes nos conflitos entre o Príncipe Segismundo quanto à liberdade do homem em suas escolhas e a predestinação divina. Podemos ver além desta primeira análise a contraposição presente também no próprio título da obra, estilo característico do barroco espanhol juntamente com correlações e antíteses, hipérboles e demais figuras de linguagem buscando assim um efeito denso e profundo que visa refletir a visão desenganada da vida e a crise existencial e espiritual do homem da época.

Vida e sonhos que por si só já trabalham as dualidades entre o escapismo onírico e a realidade dura e miserável.

Segismundo, personagem principal da obra é um príncipe condenado ao isolamento pelos maus augúrios sobre seu futuro onde foi dito que se tornaria um tirano cruel e implacável, representante barroco do drama da existência, das oposições entre a revolta e a aceitação do fado que lhe é imposto pelo pai. O protagonista é demasiado frágil e com uma experiência de vida quase nula, incapaz de enfrentar o destino e vencer a si mesmo.

Representante máximo dos conflitos entre fazer o que lhe é destinado ou escolher seguir aquilo que considera o correto e ético. O princípio do libre arbítrio, da liberdade de escolha (e até onde temos de fato essa liberdade) é o mote do drama.

Já na personagem de Rosaura, além dos conflitos que também passam pelo príncipe Segismundo encontra-se mais um drama, muito comum nos temas barrocos (vide Lope de Vega e Tirso de Molina nas respectivas obras Fuente Ovejuna e El Burlador de Sevilla) que é o tema do honor e da honra manchada. Rosaura chega à Polônia disposta a buscar reparação para tal e ela, assim como Segismundo se tornam joguetes do próprio Destino.

Ainda dentro da questão do que seria honor e honra no Barroco Espanhol podemos afirmar que o honor tem uma existência própria que vai além da experiência individual enquanto que a honra sempre pertence a alguém. Alguns autores, como Cervantes e Quevedo, relacionam o honor como sendo algo imutável. Entretanto, também citavam casos concretos de honra perdida. Dentro de uma visão literária a honra, entendida como experiência individual adquire

¹ Francisco de Zurbarán, pintor sevillano. Fonte <https://www.museodelprado.es/coleccion/artista/zurbaran-francisco-de/9c8d19fd-a3eb-4fb4-b8b6-e7d37423b0c0>

² Luis de Góngora y Lopes (Córdoba, 11 de julho de 1561 — Córdoba, 23 de maio de 1627) foi um religioso, poeta e dramaturgo castelhano, um dos expoentes da literatura barroca do Siglo de Oro.

um peso maior já que se trata de algo que se pode manchar ou destruir Como diz Antonio Rey Hazas³:

“Honor y amor, y en menor medida la fe y las convenciones sociales, son las fuerzas más poderosas de las tragicomedias barrocas como es sabido, independientemente de su mayor o menor fidelidad a la realidad cotidiana; ellas impulsan a los personajes dramáticos, los impelen a realizar actos de todos los tipos, en contra veces de sus propias inclinaciones, a despego de sus deseos o de su voluntad”.

Tamanho é seu peso que percebemos que ela também é tema central de diversas obras e pode até mesmo ser um substituto funcional do que seria o destino trágico que encontramos no teatro grego.

É Rosaura também o agente catalisador para a mudança de Segismundo, que a partir deste encontro que se desenvolve seus anseios de liberdade até então adormecidos. sendo que é no trecho em que se dá no primeiro ato os primeiros sinais da ação do Destino

*Quédate en este momento,
donde tengan los brutos su Faetonte;
que yo, sin más camino
que el que me dan las leyes del destino,
ciega y desesperada,
bajaré la cabeza enmarañada
deste monte eminente
que arruga al sol el ceño de la frente*

Ambas histórias se fundem no decorrer da trama já que há uma série de elementos em comum a ambos: abandono paterno, privação de honra e de direitos. Uma paixão violenta na alma.

Estabeleceremos a seguir uma análise destes seguintes conceitos apresentados na obra ***Livre arbítrio e Destino*** e suas relações com as personagens.

A partir das primeiras cosmogonias e teogonias o conceito de destino sempre esteve atrelado ao conceito de um cosmo ordenado e que tudo regia, de forma sincrônica e ordenada. Para os gregos arcaicos tal conceito era definido através da figura mitológica das Moiras, filhas de Nyx, a Noite. Encarnação da lei cósmica que, inexorável regia os destinos de homens e deuses e temidas por ambos.

Dentro das concepções filosóficas do determinismo⁴, Destino é uma entidade que está além do humano, implica no imutável, naquilo que o homem não pode mudar. Se os deuses não se encarregam de nosso destino, benção ou maldição, cabe a nós mesmos a responsabilidade. A felicidade ou o sofrimento depende das escolhas de cada um segundo Epicuro de Samos, filósofo ateniense do século IV. A. C

Existe no homem uma capacidade tal que lhe dá condições de fazer escolhas, de acordo com o que lhe é agradável. O homem sempre e em qualquer condição faz as suas escolhas, de tal forma que ele é responsabilizado por elas. Essa capacidade ou aptidão é um aspecto inalienável

³ HAZAS, Antonio Rey. Algunas reflexiones sobre el honor como sustituto funcional del destino en la tragicomedia barroca española. Comedias y comediantes : estudios sobre el teatro clásico español : actas del congreso internacional sobre teatro y prácticas escénicas en los siglos XVI y XVII, organizado por el Departamento de Filología Española de la Universitat de Filología, los / coord. por Teresa Ferrer Valls, Nel Diago, 1991, ISBN 84-370-0728-3, págs. 251-262 . Encontrado em Dialnet.

⁴ **Determinismo** (do verbo *determinar*, do latim *determinare*: *de* - prefixo de negação - e *terminare* - terminar, limitar, finalizar - assim *determinare* significa literalmente "não-terminar", "não-limitar") é a teoria filosófica de que todo acontecimento (inclusive o mental) é explicado pela determinação, ou seja, por relações de causalidade.

da natureza humana normal. Ele é livre para escolher o que lhe agrada, de acordo com suas inclinações.

Boécio, filósofo cristão do século VI e que foi um profundo estudioso da filosofia platônica definiu o modelo medieval de concepção de destino ao afirmar que seria através do Consolatio (Consolação). O homem precisa se conhecer e viver para sua integridade se quiser se libertar do domínio do destino. O destino na verdade é um instrumento divino para ajudar o homem no seu caminho de volta para Deus, fazendo-o vencer e superar seu próprio desconhecimento.

Ao contrário do Destino, o Fado não está escrito. Esse conjunto de opções, dado pela astrologia, por exemplo, deveria ser conhecido e, através do conhecimento de si, um homem poderia alcançar a liberdade. O conhecimento se torna um modo de libertar-se do jugo divino.

Tais acepções eram, segundo Mário M. Gonzáles [GONZÁLES, Mário M Leituras de literatura espanhola: Da Idade Média ao Século XVII- São Paulo: Letra Viva FAPESP, 2010] uma constante preocupação barroca com o tempo e que refletia nas obras a cosmovisão da contrarreforma.

“Nela, a realidade temporal carregada de enganos e a vida eterna que deve ser obtida daquela encontram-se separada pela morte que, assim, é o instante decisivo acumula angustia e a esperança do homem. O Tempo ganha dessa maneira uma dimensão transcendental ao mesmo tempo em que é o espaço dos enganos sedutores que ameaçam desviar o homem da vida eterna”.

Dentro de todas estas prerrogativas mostradas no livro podemos então estabelecer as seguintes correlações simbólicas entre os dois principais conceitos mostrados assim e estabelecer uma ponte dialética entre o sistema simbólico e filosófico conhecido com tarot e a duas principais forças que regem os dois personagens da obra multiplicando mais ainda as diversas leituras para La Vida es Sueño.

O Tarô é um baralho que ainda é usado no sul da Europa para jogar e ler a sorte. Difere muito pouco dos baralhos comuns, que são baralhos de Tarô reduzidos. Têm os mesmos reis, rainhas, ases, dez, etc.

As cartas do Tarô foram conhecidas desde o fim do século XIV, quando já existiam entre os ciganos espanhóis. Foram as primeiras cartas que apareceram na Europa. Há diversas variações do Tarô, com diferentes números de cartas. Considera-se que a reprodução mais exata do Tarô é o chamado "Tarô de Marselha".

Esse baralho consiste de 78 cartas. Destas, 52 são cartas comuns com o acréscimo de uma carta "ilustrada" em cada naipe, a saber, o "Cavaleiro", colocada entre a Rainha e o Valete. Isso perfaz 56 cartas divididas em quatro naipes, dois pretos e dois vermelhos, ou seja: Paus, Copas (corações), Espadas e Ouros (pentagramas ou discos).



Os quatro naipes: Paus, Copas, Espadas e Ouros.

Há, além disso, 22 cartas numeradas com nomes especiais que estão fora dos quatro naipes.

O tarô é um conjunto de imagens que pode ser aplicado na compreensão de universos distintos do seu, principalmente no entendimento dos universos ficcionais. Como é um código imagético secular, no qual se identificam figuras interagindo com cenas que representam situações existenciais, essas mesmas situações podem ser encontradas no enredo de um romance, num poema ou numa peça de teatro. Na literatura é a arte onde melhor utilizamos o tarot como máquina narrativa combinatória. Tal termo provém do escritor Ítalo Calvino, jornalista e romancista italiano que, a partir de um encontro com amigos em um seminário internacional

sobre contos em Urbino, Itália começou a refletir sobre o uso da cartomancia para construir narrativas imagéticas para seus livros, dando início assim às primeiras reflexões para sua obra emblemática “O Castelo dos Destinos Cruzados” e “A Taverna dos destinos cruzados”.

Analisando ainda o tarot como linguagem simbólica, podemos citar o ocultista Oswald Wirth, em seu livro O Simbolismo Hermético, (Le symbolisme hermétique, de O. Wirth, págs. 3840 e 83 - Publications initiatiques) fala da linguagem dos símbolos de maneira muito interessante:

“Sempre podemos estudar um símbolo de um número infinito de pontos de vista; e cada pensador tem o direito de descobrir no símbolo um novo significado correspondente à lógica de suas próprias concepções.

O fato é que os símbolos se destinam justamente a despertar ideias adormecidas em nossa consciência. Eles suscitam um pensamento por meio de sugestão e, desse modo, fazem com que a verdade que permanece oculta nas profundezas de nosso espírito se manifeste.

Para que os símbolos possam falar, é essencial termos em nós os germes das ideias, cuja revelação constitui a missão dos símbolos. Mas nenhuma revelação é possível, se a mente está vazia, estéril e inerte.

Por essa razão, os símbolos não atraem qualquer pessoa, não falam a qualquer um. Eles frustram especialmente as mentes que pretendem ser positivas e que baseiam seu raciocínio em fórmulas científicas e dogmáticas inertes. A utilidade prática dessas fórmulas não pode ser contestada, mas, do ponto de vista filosófico, representam apenas um pensamento frio, artificialmente limitado, tomado inalterável em tal extensão que parece morto em comparação com o pensamento vivo, ilimitado, complexo e móvel, refletido nos símbolos.

E perfeitamente claro que os símbolos não são criados para explicar o que chamamos verdades científicas.

Pela própria natureza, os símbolos devem se manter elásticos, vagos e ambíguos, como os ditos de um oráculo. Seu papel é desvendar mistérios, deixando à mente toda a sua liberdade.”

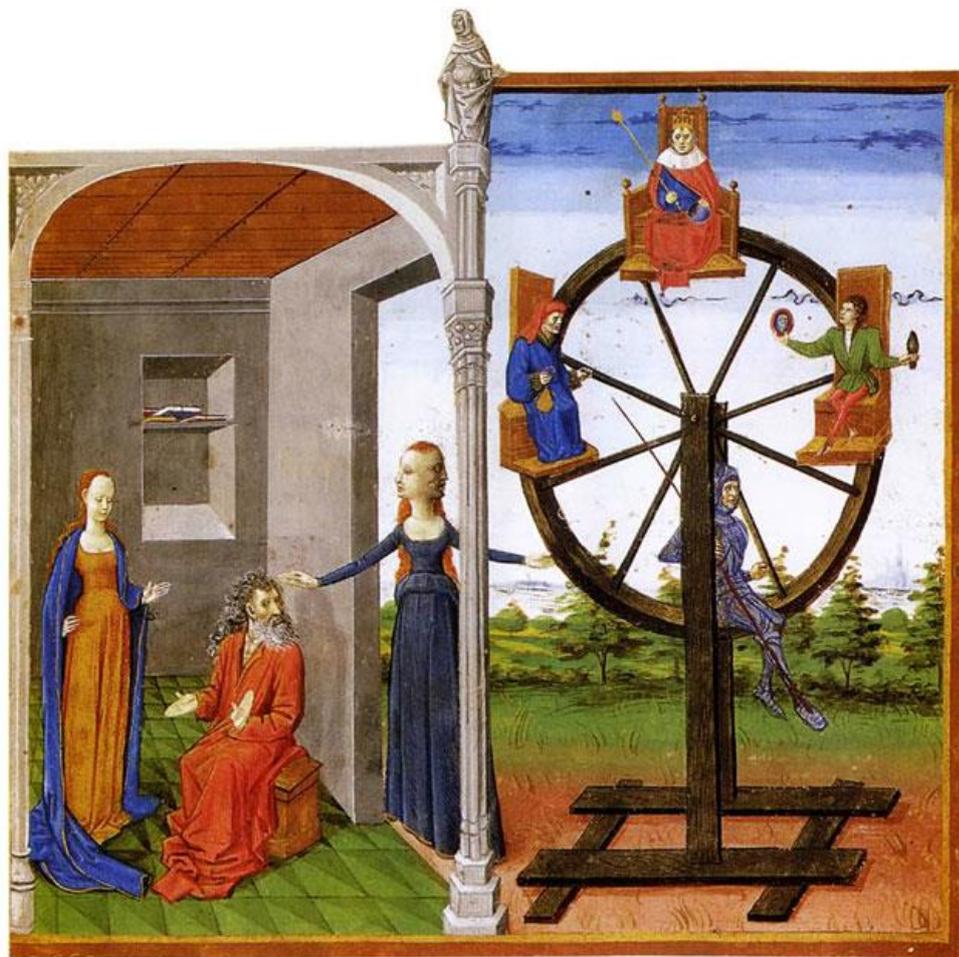
A arte imita a vida. E a prática tarológica ganha quando trabalhada a partir de uma abordagem reflexiva e aplicada, pois passa a propor um jogo aberto em que o reconhecimento dos modelos que estão presentes em um dado momento na vida daquele que o consulta, são nomeados.

A partir dos Trunfos de Francesco Petrarca, criados no século XV e que retratam de forma alegórica a existência humana podemos estabelecer uma análise comparativa entre Destino e a Roda da Fortuna e o livre arbítrio com os Enamorados na obra de Calderón de la Barca.

Analisando o primeiro encontro entre Rosaura e Segismundo, que após conhecer o príncipe na situação deplorável em que se encontrava questiona-se sobre os misteriosos mecanismos divinos que levaram a tal encontro, em que tal criatura era mais desgraçada do que ela:

*Quejoso de la fortuna
yo en este mundo vivía,
y cuando entre mí decía:
¿habrá otra persona alguna
de suerte más importuna?,
piadoso me has respondido;
pues volviendo en mi sentido,
hallo que las penas mías,
para hacerlas tú alegrías,
las hubieras recogido*

Mostra-se aqui a primeira ação da Roda do Destino que, segundo a simbologia clássica era vista pelos antigos como deusa do acaso, a Roda da Fortuna na Idade Média representava tanto a Roda da Vida, que elevava o homem até o alto antes de deixá-lo cair de novo, como a Roda do Acaso, que não parava nunca de rodar e indicava a mudança perpétua que caracteriza a natureza humana.



Boécio e a *Consolação da Filosofia*

Pintura de 1460

Como já havíamos mencionado antes, Rosaura parte para Polônia para recuperar sua honra manchada por Astolfo, sobrinho do rei Basílio e uma das recomendações dadas pela sua mãe era a de levar a espada que havia sido de seu pai para que pudesse reencontra-lo. Fruto da causalidade ou dos desígnios divinos da Roda que gira e recoloca todos próximos para o cumprimento do fado eis que Rosaura, no Ato IV entrega a espada a Clotaldo, guardião de Segismundo e que ao vê-la reconhece a espada como sendo sua e estarecido com a coincidência macabra clama aos céus por um esclarecimento:

*¡Válgame el cielo! ¿Qué escucho?
Aún no sé determinarme
si tales sucesos son
ilusiones o verdades.
Esta espada es la que yo
dejé a la hermosa Violante
por señas que el que ceñida
la trujera, había de hallarme
amorado como hijo
y piadoso como padre.*

Incrédulo, não sabe dizer se é realidade ou uma ilusão o que está perante seus olhos.

Que notable confusión!, que triste hado! qué suerte tan inconstante!

Na sexta cena que encontramos os relatos do Rei Basílio, aficionado pela astrologia e ciências exatas e que relata aos sobrinhos Astolfo e Estrella como descobriu através de seus estudos que o destino do filho era o de um tirano opressor e violento, justificando assim sua atitude protetora em isolar o filho em uma torre. E temos aqui o relato do parto, segundo o rei:

*Llegó de su parto el día
y los presagios cumplidos
(porque tarde o nunca son
mentirosos los impíos),
nació en horóscopo tal,
que el sol, en su sangre tinto,
entraba sañudamente
con la luna en desafío;
y siendo valla la tierra,
los dos faroles divinos
a luz entera luchaban,
ya que no a brazo partido*

Culminando o parto com a morte da Rainha e o desespero do rei aos constatar que suas predições eram verdadeiras. Ainda dentro do enfoque oracular que o rei utilizou para suas ações e dentro de uma visão taromântica e não astrológica (ambas são semelhantes, mas enquanto a astrologia predetermina o ser, o tarot predetermina o fazer, a ação em execução e leva assim a uma margem maior de opções) cumpriu-se neste relato o que havia sido predestinado. Dentro de uma abordagem imagética a própria Roda relaciona, sem dúvidas, com o conceito do cíclico (o dia, estações do ano, vida do homem).



A Roda da Fortuna, gravura de 1525(?) sob guarda da Biblioth que Nationale de France e,   direita, a carta X do Tar  da Lombardia (1810).

Ou seja, daquele que nasce para morrer, mas que também nasce para ressuscitar. Ou mais, para suplantar o antigo rei como no trecho abaixo:

*Yo, acudiendo a mis estudios, em ellos y en todo miro
Que Segismundo sería
El hombre más atrevido, el príncipe más cruel
Y el monarca más impío,
Por quien su reino vendría a ser parcial y diviso, escuela de sus traiciones
Y academia de los vicios; y él de su furor velado,
Entre assombros y delitos
Había de poner a mí las plantas, y yo rendido a sus pies me había de ver.*

Com esse discurso vacilante e covarde, de ter-se arrependido de seus atos e tendo reconhecido publicamente que pode ter cometido um erro grave por ter deixado que um provável prognóstico suplantara seu papel de pai encontramos aqui neste ponto crucial da obra a antítese e tese de que seria possível que uma pessoa usando de seu livre arbítrio pudesse suplantar seu fatídico destino.

Dá-se início aqui a análise feita sob a ótica dos Enamorados, o sexto arcano do tarot, o dilema das escolhas. Entre aquilo que se considera o certo e aquilo que seu coração diz.

Segundo a imagética clássica dos Enamorados, a cena retratada é de um jovem que divide seu olhar entre duas mulheres e mostra-se claramente indeciso sobre quem escolher ou que direção tomar. O Arcano VI faz uma referência alegórica também a famosa parábola de Hércules, na encruzilhada entre a Virtude e o Vício, tal como conta Xenofonte nas suas lembranças de Sócrates. É bem provável que esta parábola e muitas variantes tenham sido populares da idade Média e tenha se espalhado ao longo dos séculos. A ideia fundamental deste tema: a necessidade de dois caminhos, de tomar decisões por si só encontra-se em muitas imagens cristãs. Podemos citar uma miniatura bizantina do século X, onde Davi está representado entre duas mulheres que simbolizam a Sabedoria e a Profecia. Podemos encontrar também em Deuterônimo passagens que falam de duas escolhas.



Hércules na Encruzilhada, tela de Annibale Carracci (1595-1596)
e *Os Namorados*, carta 6 do Tarô de Marselha (1750).

Ainda dentro de uma abordagem cristã, podemos citar São Agostinho em sua obra *De Libero Arbitrio*. este livro, que tem data de 395, foi escrito na forma de diálogo do autor com o seu

amigo Evódio. Nesta obra, Santo Agostinho elabora algumas teses a respeito da liberdade humana e aborda a origem do mal moral.

Muitas vezes a expressão livre arbítrio, tem o mesmo significado que a expressão liberdade. No entanto, Santo Agostinho diferenciou claramente esses dois conceitos. O livre arbítrio é a possibilidade de escolher entre o bem e o mal; enquanto que a liberdade é o bom uso do livre arbítrio. Isso significa que nem sempre o homem é livre quando põe em uso o livre arbítrio, depende sempre de como usa essa característica. Assim, o livre arbítrio está mais relacionado com a vontade. Porém, uma distinção entre os dois é que a vontade é um ato ou ação, enquanto que o livre arbítrio é uma faculdade.

No âmbito da filosofia, o livre arbítrio se opõe ao determinismo, que defende que todos os acontecimentos são causados por fatos anteriores. Para o determinismo, as ações do Homem são determinadas por leis da natureza ou por outras causas e por isso não o ser humano não pode ser responsabilizado pelos seus atos.

Para a filosofia, o indivíduo faz exatamente aquilo que tinha de fazer, seus atos são inerentes à sua vontade, e ocorrem com a força de outras causas, internas ou externas.

Na cena seguinte eis que o Rei resolve colocar a prova os desígnios divinos colocando para o príncipe a decisão de agir de acordo com sua humanidade e testar assim se os augúrios era de todo corretos. Livrar-se-ia assim da culpa de ter aprisionado o próprio filho e resolveria assim a questão de sucessão do trono já que na impossibilidade de Segismundo assumir, o poder iria para Astolfo sobrinho do rei e já muito interessado em assumir o trono. Temos aqui um dos principais questionamentos presentes na obra:

O nosso destino é predeterminado ou temos livre arbítrio para decidir entre as várias escolhas ao nosso alcance? Somos marionetes acionadas por forças invisíveis ou somos definidores no nosso caminho?



Os Namorados (ou Amantes) nos tarôs Lombardo (1810) e Antigo Italiano (1880)

Sendo assim o Rei coloca em prática seu plano e com Clotaldo dá ao príncipe uma poção sonífera e coloca-o no trono, Ao acordar chocado com essa realidade desconhecida é dito a Segismundo sobre sua verdade, que seu isolamento todo foi pelas previsões maléficas do seu futuro e o futuro do rei, Sendo que seu magnânimo pai o Rei Basílio decide dar a ele a chance de redimir-se do seu fado caso se mostrasse digno e cordial como era esperado de um príncipe.

Segismundo rebela-se mais ainda, mostrando-se cruel e revoltado com seu pai e com Deus que lhe impõe tal sina. Ameaça matar Clotaldo e joga um criado pela sacada levando sim ao total arrependimento de seu pai e a conclusão de que o fado da Roda jamais poderia ser vencido e assim, arroja novamente Segismundo de volta para a prisão.

Para que neste momento o poder de escolhas serviria se não havia nele a maturidade necessária e educação necessária para tal? Aqui a visão dos Enamorados entra perfeitamente visto que tal arcano também representa a maturidade necessária e, muitas vezes, inexistente para tomar as decisões corretas. Sendo esta a primeira oportunidade de exercer seu livre arbítrio Segismundo opta por seguir pelo Vicio fazendo a analogia com a parábola de Hercules. A escolha inteligente implica um sentido realista dos valores e das proporções. Este processo de escolha - aceitação ou rejeição - começa na infância e continua pela vida fora. Com uma vida limitada Segismundo não poderia fazer o que era dele esperado.

Ao despertar em sua cela, após a sedação Clotaldo lhe diz que tudo foi um sonho, um devaneio, mas que ainda assim, nesse devaneio deveria ele ter tratado bem o seu pai e a todos os demais. Dá-se sequencia na cena XIX o famoso discurso de Segismundo sobre o que é sonho e o que é realidade. Seus lamentos abrem a segunda parte do livro e dá origem a reviravolta dos eventos.

Através de uma revolta popular, o Rei Basílio é destituído de seu trono e seu filho, liberto e empossado no seu lugar. Agora com este giro da Roda eis que o Príncipe tem mais uma vez a chance de fazer suas escolhas de uma forma mais sábia e digna, mediante suas experiências anteriores. Cumpriu-se ou não seu fado? Seus augúrios de nascimentos? O fado cumpriu-se na cena XIII no discurso de Clotaldo com Basílio

*Aunque el hado, señor, sabe
todos los caminos, y halla
a quien busca entre lo espeso
de las peñas, no es cristiana
determinación decir
que no hay reparo a su saña.
Sí hay, que el prudente varón
victoria del hado alcanza*

Seu destino cumpriu-se, mas sua determinação em fazer escolhas corretas partem das suas experiências e amadurecimento, Eis a prova de que livre arbítrio exercido mediante uma visão consciente de quem se é e de quem se foi pode sim mudar um destino trágico. E assim, concluímos com o último ato da obra que é o discurso de Segismundo ao povo quem o libertou:

*Lo mismo le ha sucedido
que a quien, porque le amenaza
una fiera, la despierta;
que a quien, temiendo una espada,
la desnuda; y que a quien mueve
las ondas de una borrasca;
y cuando fuera (escuchadme)
dormida fiera mi saña,
templada espada mi furia,
mi rigor quieta bonanza,
la fortuna no se vence
con injusticia y venganza,*

*porque antes se incita más;
y así, quien vencer aguarda
a su fortuna, ha de ser
con prudencia y con templanza*

Por tanto, como afirman Felipe B. Pedraza y Milagros Rodríguez, en *La vida es sueño* no se pone en duda la existencia del libre albedrío del ser humano. El problema no es si se tiene o no libre albedrío, sino si la libertad interior del hombre, el libre albedrío –una potencia del alma- se puede conjugar con la libertad exterior, la cual le viene impuesta al hombre desde fuera y que, al menos en el caso de Segismundo, parece haberse impuesto a su libre albedrío, como enseguida tendremos ocasión de comprobar.

Portanto, em *La Vida es Sueño* não se coloque em dúvida a existência do livre arbítrio do ser humano. A problemática entre liberdade e escolhas baseia-se em que a liberdade interior, do homem, livre arbítrio pode unir-se com a liberdade exterior, a qual é imposta ao homem e que no caso de Segismundo parece ter sido imposta também ao seu livre arbítrio. Torna-se uma escolha da alma e não daquilo que as convenções sociais lhe impõe

Podemos não ter controle sobre certos acontecimentos, mas temos controle sobre a nossa reação aos mesmos. Ao desespero e à pena de nós próprios podemos contrapor aceitação e força, se formos vítimas de um acontecimento traumático. A gestão da crise está fora do nosso campo de escolhas, mas temos livre arbítrio sobre o que fazer dela.

Bibliografía:

BARCA, Calderón de la Pedro. *La vida es sueño*. 36ª edición. Cátedra.

GONZÁLEZ, Mario M. *Leituras de literatura espanhol: da Idade Média ao século XVIII*- São Paulo: Letra Viva Fapesp, 2010.

COUSTÉ, Alberto. *O Tarô ou a máquina de imaginar*: Rio de Janeiro, Ed labor do Brasil, 1978.

KAPLAN, Stuart. *Tarô Clássico*. Ed. Pensamento 1972

GONZÁLEZ, Manuel Sifo. *El poder del hado en la vida es sueño*, de Calderón de la Barca y en Don Alvaro o la fuerza del sino, del Duque de Rivas. Universidade de Murcia. Dialnet.

CALVINO, Italo. *O Castelo dos Destinos Cruzados*- São Paulo. Companhia das Letras, 1991

PETRARCA, Franchesco. *Triunfos*; Tradução Camões. São Paulo. Hedra, 2006

OUSPEISKY, O. D. *O Simbolismo do Tarô - Literatura dedicada ao Tarô*. Em - http://www.clubedotaro.com.br/site/m33_Ouspensky_2.asp- Acessado em: 08/08/2017

CAMARIS, Zoe. Acessado em : 27/08/2017 <http://zoedecamaris.blogspot.com.br/>

DE REZENDE, Vani Terezinha

ANOÇÃO DE DESTINO NA ASTROLOGIA E SUA INFLUÊNCIA NO PENSAMENTO OCIDENTAL:

NOTAS INSPIRADAS EM UMA LEITURA CRÍTICA DE THE STARS DOWN TO EARTH. W. ADORNO

Interações: Cultura e Comunidade, vol. 9, núm. 16, julho-diciembre, 2014, pp. 374-395

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Uberlândia - MG, Brasil

Contato com a Autora:

Catharina Klie Dupont

katklic2@gmail.com

Texto editorado em setembro.2017
para inclusão na Biblioteca Digital
www.clubedotaro.com.br

CKR